



Beatriz Cantinho, Túlio Rosa e Nuno Torres apresentam hoje no Arquipélago o resultado da residência artística que iniciaram a 7 de fevereiro

## Projeto resgata laços entre locais banhados pelo Atlântico

Instalação que resulta da residência artística de Beatriz Cantinho e Túlio Rosa no Arquipélago é apresentada hoje pelas 18h00

ANA CARVALHO MELO  
anamelo@acorianooriental.pt

Beatriz Cantinho e Túlio Rosa apresentam hoje no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas o resultado da residência artística realizada no âmbito do projeto de investigação e criação artística “Arquivo Atlântico”. Um projeto que pretende resgatar laços entre os vários lugares banhados pelo Atlântico.

Segundo os artistas, o projeto “Arquivo Atlântico” que propõe “pensar a colonialidade a partir da elaboração de um arquivo – um conjunto de gestos, imagens e relatos que tem o potencial de informar e problematizar o presente”, nasceu da relação entre Beatriz Cantinho e Túlio Rosa, uma portuguesa nascida em Angola e um brasileiro de Santa Catarina.



Projeto tem-se desenvolvido sob diferentes formatos

“O projeto nasce da vontade de olhar para a história dos vários territórios banhados pelo Oceano Atlântico de modo a compreender as formas de ocupação, extração, hierarquização, exclusão e extermínio que marcam, ainda hoje, a experiência desses territórios e o legado colonial presente nas relações entre o Norte e o Sul Global”, revelam, explicando que “o arquivo não é apenas uma evidência de um passado, mas um material generativo”.

“Trabalhando com uma ampla gama de fontes – filmes, documentos oficiais, literatura, registos sonoros, narrativas orais – temos explorado como diferentes práticas criativas e composicionais podem resgatar a capacidade afetiva desses materiais e nos permitir desconstruir narrativas e visualidades que caracterizam um imaginário de matriz colonial”, acrescentam.

Neste sentido, o projeto tem-se desenvolvido sob diferentes formatos, entre eles uma série de podcast que reúne exercícios narrativos e conversas, mostras de filmes e, mais recentemente, sob uma abordagem coreográfica na relação com os diferentes materiais, experimentando e questionando a sua dimensão performativa.

Nos Açores desde o dia 7 de fevereiro, a residência no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas tem-se centrado, por um lado, na recolha de materiais e na observação das relações entre os Açores e outros territórios que integram o projeto colonial português, e por outro, na experimentação e composição de um objeto instalativo, que estará aberto ao público.

Túlio Rosa, artista e investigador, que está nos Açores pela primeira vez realçou que o impacto da paisagem.

“A paisagem é naturalmente impressionante, mas muito marcada pela produção agrícola e é muito visível ver como este território foi transformado em função desses projetos que têm o interesse de servir um outro território”, contou, explicando que está a ser uma “experiência de muito contraste e de muito questionamento sobre o que significa olhar para esta paisagem e como foi modelada”.

“Tivemos também muita curiosidade em conhecer a vegetação nativa e saber o que lhe aconteceu, assim como os ciclos económicos dos Açores”, acrescentou.

Por sua vez a coreógrafa e investigadora Beatriz Cantinho fez o paralelo entre a experiência nos Açores e em Cabo Verde.

“A nossa residência em Cabo foi em agosto e estivemos focados numa dimensão agrícola e económica, que de alguma forma tem as mesmas características de que o Túlio destacou. Pelo que começamos por ver os pontos de contacto para perceber as semelhanças nesta relação”, realçou.

Sobre a apresentação de hoje, às 18h00, Beatriz Cantinho deixou cair o pano e revelou: “Tem sido um processo muito intenso, porque o tempo é curto. A nossa proposta é que este será um primeiro momento de uma abordagem à peça coreográfica na sua dimensão sonora. Será uma instalação sonora e visual que conta com a colaboração de Nuno Torres”.

Refira-se que este projeto é financiado pela Fundação GDA (PT) e Fundação Calouste Gulbenkian, e tem o apoio do Espaço do Tempo, Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas (Açores), Centro Cultural do Mindelo (Cabo Verde), e a colaboração da Hosek Contemporary (DE) e Materiais Diversos (PT). \*